

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA LETRAS:

LÍNGUA PORTUGUESA COM DOMÍNIO DE LIBRAS

LAVÍNIA SOUSA DE CARVALHO

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA EM LIBRAS: UMA PROPOSTA
INICIAL DE ANÁLISE NO GÊNERO CONVERSA ESPONTÂNEA**

UBERLÂNDIA-MG

2025

LAVÍNIA SOUSA DE CARVALHO

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA EM LIBRAS: UMA PROPOSTA
INICIAL DE ANÁLISE NO GÊNERO CONVERSA ESPONTÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para a obtenção do título de
licenciado no curso de Língua Portuguesa
com domínio de Libras

Orientador: Prof. Dr. Fábio Izaltino Laura

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C331 Carvalho, Lavínia Sousa de, 2000-
2025 A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA EM LIBRAS [recurso eletrônico] : UMA PROPOSTA INICIAL DE ANÁLISE NO GÊNERO CONVERSA ESPONTÂNEA / Lavínia Sousa de Carvalho. - 2025.

Orientador: Fábio Izaltino Laura.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Letras-
Língua Portuguesa com Domínio de Libras.

Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Laura, Fábio Izaltino ,1978-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Letras-Língua Portuguesa com Domínio de
Libras. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

LAVÍNIA SOUSA DE CARVALHO

**A ESTRUTURA ARGUMENTAL PREFERIDA EM LIBRAS: UMA PROPOSTA
INICIAL DE ANÁLISE NO GÊNERO CONVERSA ESPONTÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Uberlândia como
requisito parcial para a obtenção do título de
licenciado no curso de Língua Portuguesa
com domínio de Libras

Uberlândia, 14 de maio de 2025

Banca Examinadora:

Dr. Fábio Izaltino Laura

Dr.a. Giselly Tiago Ribeiro Amado

Dr.a. Andrelina Heloísa Ribeiro Rabelo

Dedico este trabalho à minha família e amigos, pelo carinho e compreensão, bem como por permaneceram presentes nesta etapa final da faculdade.

AGRADECIMENTO

Com muito carinho e gratidão, chegamos ao final desta importante jornada acadêmica. Este momento é fruto de dedicação, esforço e apoio de pessoas incríveis que caminharam ao meu lado durante todo o processo de elaboração e finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar saúde, sabedoria e força para realizar o que um dia parecia distante. Agradeço por me guiar e me proteger em todos os momentos, tornando possível a conclusão deste sonho que se tornou realidade.

Agradeço imensamente ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Fábio Izaltino Laura, pelo incansável apoio, orientação e pelas valiosas contribuições ao longo dessa jornada. Suas palavras e conselhos foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho, e sou profundamente grata por toda a dedicação.

À minha família, meu pilar de força e inspiração: ao meu pai, Fábio José de Carvalho, por todo seu apoio nos estudos e em todas as etapas da minha vida. À minha mãe, Renata Alves de Sousa, que, neste ponto específico da minha vida, me deu um apoio diferenciado nas minhas crises de ansiedade.

Ao meu irmão, Pedro José Sousa de Carvalho, pelo suporte emocional, pela paciência e por me aguentar quando queria organizar tudo à minha volta, e ao meu companheiro, Felipe Pereira Pacheco, pelos incentivos e pelos puxões de orelha todas as vezes que pensei em desistir. Não tenho palavras para expressar minha gratidão por todo amor, paciência e apoio incondicional. Mesmo distantes, sempre estive cercada de carinho e encorajamento, o que me deu forças para seguir em frente.

Aos meus queridos amigos, Gabriela Jacob Naviskas e Vinícius Resende Souza, que estiveram comigo nos momentos de dificuldade e celebração, obrigada por cada risada, por cada palavra de apoio e por me fazerem sentir que esta jornada acadêmica nunca foi solitária. Agradeço pela amizade, que se estende além do campo acadêmico e se transforma em algo duradouro e sincero.

Aos meus professores da Universidade Federal de Uberlândia, que contribuíram para minha formação com tanto empenho e sabedoria, meu sincero agradecimento. Foi graças aos

ensinamentos de vocês que me tornei a profissional que sou hoje, pronta para seguir meu caminho com coragem e compromisso.

Agradeço também às instituições e programas que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, aos colegas de turma e todos que contribuíram direta ou indiretamente para que eu chegasse até aqui.

Sou imensamente grata ao programa PET Letras e a todos os seus membros que me auxiliaram e contribuíram para a minha formação acadêmica, em especial à tutora Valeska Virgínia, uma profissional e amiga maravilhosa que me apoiou em todo o momento.

*“A leitura é o método mais eficiente de ampliar
nossa visão de mundo e de nós mesmos.”*

Carlos Alberti Hang

RESUMO

Este trabalho investiga a estrutura argumental preferida na Língua Brasileira de Sinais (Libras), considerando seus aspectos gramaticais e discursivos a partir da perspectiva funcionalista. Com base nas teorias de Du Bois (1987, 1993), que analisou a estrutura argumental em línguas oralizadas, busca-se verificar se os mesmos padrões se aplicam à Libras, uma língua visual-espacial. Para isso, foram analisados dados do Corpus de Libras, examinando como os argumentos são organizados na sentença e sua conexão com o fluxo informacional no discurso. Os resultados apontam que, assim como ocorre em outras línguas naturais, a Libras apresenta uma estrutura argumental preferida que favorece um único argumento lexical por sentença, com preferências sintáticas e pragmáticas específicas. O estudo contribui para a compreensão da organização sintática e discursiva da Libras, auxiliando na formação de profissionais da área e na valorização da língua de sinais no contexto acadêmico e social.

Palavras-chave: Gramática Funcional, Sintaxe, Língua de Sinais, Status Informacional, Argumento.

ABSTRACT

This study investigates the preferred argument structure in Brazilian Sign Language (Libras), focusing on its grammatical and discursive aspects from a functionalist perspective. Based on Du Bois' theories (1987, 1993), which analyzed argument structure in spoken languages, this research aims to verify whether similar patterns apply to Libras, a visual-spatial language. Data from Corpus Libras were analyzed to examine how arguments are organized in sentences and their connection to the flow of information in discourse. The results indicate that, as in other natural languages, Libras exhibits a preferred argument structure that favors a single lexical argument per sentence, with specific syntactic and pragmatic preferences. This study contributes to the understanding of the syntactic and discursive organization of Libras, supporting the training of professionals in the field and promoting the recognition of sign language in academic and social contexts.

Keywords: Functional Grammar, Syntax, Sign Language, Informational Status, Argument.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ASL	American Sign Language
CM	Configuração de Mão
ENM	Expressões Não-Manuais
INDL	Inventário Nacional da Diversidade Linguística
L	Localização
M	Movimento
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PAS	Preferred Argument Structure
SNs	Sintagmas Nominais
TILS	Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

Sumário

1.	Considerações iniciais.....	1
2.	Contextualização da pesquisa.....	2
3.	Fundamentação teórica.....	14
4.	Metodologia.....	18
4.1.	Corpus de Libras.....	18
4.2.	As ferramentas utilizadas para a descrição de dados.....	21
4.2.1.	Goldvarb X.....	21
4.2.2.	Grupos de Fatores.....	22
5.	Análise dos dados.....	25
5.1.	Dimensão gramatical.....	25
5.1.1.	Papel sintático do argumento.....	26
5.1.2.	Forma de manifestação do argumento.....	27
5.1.3.	Posição do argumento em relação ao verbo.....	28
5.2.	Dimensão pragmática.....	29
5.2.1.	Definitude do argumento.....	30
5.2.2.	Categoría semântico do argumento.....	31
5.2.3.	Dimensão informacional: Status informational do argumento.....	32
6.	Considerações finais.....	34
	Referências.....	37

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Constituição Federal de 1988 representou um avanço relevante para a democracia brasileira ao instituir o português como idioma oficial do país. Segundo a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no Brasil.¹

Essa data tornou-se fundamental para as pesquisas sobre Libras no país, impulsionando progressos significativos desde então. A difusão e o uso da Libras têm se expandido de maneira contínua, ampliando-se com políticas federais voltadas à sua promoção e oficialização.

Essas iniciativas têm superado obstáculos importantes de comunicação, permitindo não só que os surdos brasileiros sejam beneficiados, mas também despertando o interesse de ouvintes em aprender a língua para se comunicar de forma mais eficaz com a comunidade surda. Familiares, educadores, amigos e profissionais como Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS) desempenham um papel essencial na disseminação do conhecimento e do uso da Libras em diversos contextos.

Como consequência, tem-se observado um crescimento quantitativo, qualitativo e descritivo dos sinais utilizados, refletido na comunicação efetiva entre os próprios surdos e na crescente especialização técnica dos termos empregados. Esse desenvolvimento lexicográfico é ampliado pelo acesso dos surdos ao ensino superior, incluindo programas pioneiros como o curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), inicialmente oferecido na modalidade a distância e posteriormente também de forma presencial. Esse curso inspirou outras universidades a seguirem o mesmo caminho ao longo dos anos de 2006 a 2016, como ocorreu na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre outras.

O fortalecimento acadêmico da Libras não se restringe apenas ao ensino, mas também ao campo da pesquisa linguística, que tem se dedicado ao estudo das propriedades estruturais e discursivas dessa língua. Diversos paradigmas têm sido aplicados para compreender melhor o funcionamento da Libras, com destaque para o funcionalismo, que se mostra um campo teórico eficaz para analisar as relações entre forma e função no discurso sinalizado.

As pesquisas sobre diversas línguas no âmbito do paradigma funcionalista sempre atribuíram grande importância à organização dos argumentos na sentença e à sua relação com o fluxo de informação no discurso. Nesta perspectiva, uma rápida pesquisa bibliográfica

sobre o tema revela estudos como os de De Lancey (1981) sobre fluxo de atenção e ponto de vista; Chafe (1976, 1985, 1987, 1988) e Prince (1981) sobre a organização da informação; e Du Bois (1987, 1993) sobre a Estrutura Argumental Preferida em Sacapulteco, trabalho que serviu de base para investigações em línguas naturais oralizadas.

Neste projeto, propomos adotar as ideias de Du Bois e aplicá-las a uma língua de sinais para verificar se, assim como em outras línguas naturais oralizadas, as tendências descritas pelo autor também se confirmam na Libras, o que corrobora a universalidade de uma Estrutura Argumental Preferida. Dessa forma, com base nos princípios do funcionalismo americano de Du Bois, utilizamos o Corpus de Libras para nossas análises.

Apesar dos avanços nos estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras), ainda há uma carência de pesquisas que explorem a aplicação das teorias funcionalistas à análise da estrutura argumental preferida nessa língua visuo-espacial. Essa lacuna se evidencia especialmente no que diz respeito à investigação de padrões sintáticos e pragmáticos em contextos de uso espontâneo da Libras, como os registrados em corpus naturais.

Motivada pela escassez de estudos nessa perspectiva e pelo potencial de contribuição teórica e social que a temática oferece, esta pesquisa propõe-se a examinar a Estrutura Argumental Preferida em Libras, a partir de uma abordagem funcionalista de viésquantitativa aplicada a dados empíricos do Corpus de Libras. A presente investigação se justifica, portanto, pela sua relevância teórica ao aplicar conceitos fundamentais do funcionalismo, como os de Du Bois (1987, 1993), a uma língua de sinais brasileira, e pela sua relevância social, ao contribuir para o reconhecimento da Libras como uma língua complexa e possível de ser sistematizada, além de colaborar para a valorização da identidade surda no campo acadêmico e linguístico.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A Libras é dotada de suas próprias normas gramaticais e linguísticas, que podem, inclusive, ser diferentes daquelas das línguas orais. No entanto, apesar das diferenças, deve-se considerar em uma análise funcionalista como, os elementos sintáticos se relacionam para organizarem semântica e pragmaticamente os argumentos verbais no ato de comunicação.

Por se tratar de uma língua visual-espacial, os usuários da Libras se valem de gestos, expressões faciais e movimentos corporais como meios para comunicar significados. Sua sintaxe diverge daquela presente nas línguas orais, uma vez que, ao transmitir a informação, o

usuário utiliza simultaneamente parâmetros como gestos, expressões faciais e movimentos corporais , e a ordem das palavras pode variar conforme a ênfase e a intenção comunicativa.

A estrutura sintática da Libras não é estritamente atrelada ao modelo SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) típico das línguas faladas, podendo, em vez disso, apresentar variações da ordem básica, como OSV (Objeto-Sujeito-Verbo) e SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), assim como na pesquisa de Quadros (1999), a mesma aprofundou a pesquisa com Karnopp (2004), e as autoras comprovaram que é possível ter a estrutura sintática na ordem VOS (Verbo-Objeto-Sujeito) dentro da Libras, porém em contextos específicos.

Nos exemplos a seguir, serão apresentadas as indicações descritivas da flexibilidade na ordem das sentenças em Libras, conforme as autoras Ronice Quadros e Lodenir Karnopp na obra *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos* (2004).

Exemplo: SVO



Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 140.

As estruturas organizadas na ordem SVO são sempre gramaticais. No português, essa ordem tende a ser mais rígida, embora possa ocorrer variações motivadas por aspectos estilísticos ou de ênfase, como a topicalização e inversões pontuais. A pesquisadora Mary Kato (1999, 2000) analisou a predominância da ordem SVO no português, destacando os contextos em que alterações podem ocorrer.

A topicalização acontece quando um constituinte da oração, geralmente o objeto ou um advérbio, é deslocado para o início da frase, conferindo maior destaque ou marcando contraste:

(1) Objeto topicalizado:

(1.1) Ordem padrão (SVO): *O professor explicou a teoria aos alunos.*

(1.2) Topicalização: *A teoria, o professor explicou aos alunos.*

Enquanto, a inversão pontuais podem surgir em situações específicas, como perguntas, construções exclamativas e discursos literários ou formais, conferindo maior expressividade ao enunciado:

(2) Inversão em construções exclamativas:

(2.1) Ordem padrão: *O destino nos surpreendeu.*

(2.2) Inversão: *Nos surpreendeu o destino!*

O exemplo a seguir ilustra a estrutura da sentença OSV (Objeto-Sujeito-Verbo), amplamente utilizada no processo de topicalização. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 148), “o tópico é o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial posicionada no início da frase e seguida de comentários a respeito desse tema”. Este recurso permite que o tema seja apresentado antes das informações complementares, conferindo maior clareza e destaque à mensagem. A topicalização ocorre por meio de pausas, alterações na expressão facial ou ajustes no movimento espacial dos sinais, reforçando a ênfase e a organização da estrutura discursiva.

Exemplo: OSV



Fonte: QUADROS; KARNOFF, 2004, p. 147.

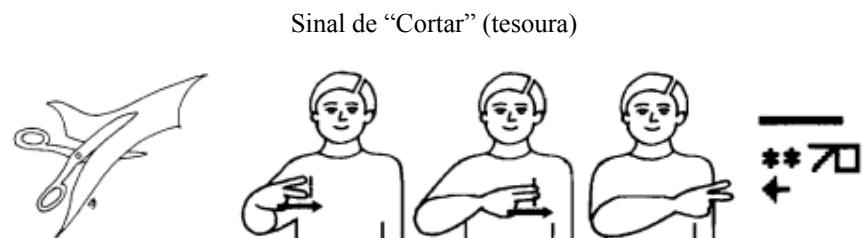
A seguir, é apresentado o exemplo abaixo da ordem SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) é comum para orações simples, ainda mais quando há uma relação direta entre o sujeito-objeto-verbo, e para estruturas mais complexas que envolvem verbos chamados de manuais/instrumentais, que são um conjunto de verbos que representam uma ação realizada com a ajuda de um instrumento, que proporciona um entendimento intuitivo e fluído.

Exemplo: SOV



Fonte: QUADROS; KARNOOPP, 2004, p. 141.

Exemplos de verbos manuais/instrumentais:



Fonte: Capoville, 2004, p. 2111



Fonte: Capoville, 2004, p. 2112

Sentenças na estrutura do exemplo: VOS (Verbo-Objeto-Sujeito), ocorrem em contextos de foco contrastivo. O foco, assim como indicado pelo próprio termo, destaca um componente específico dentro da estrutura da oração. Diferentemente do tópico que utiliza os mecanismos gramaticais que o constituem. Em uma sentença com a ordem VOS, onde o sujeito ocupa a posição final, outros elementos com função gramatical desempenham um papel crucial na identificação do foco, quando há um contraste explícito.

Exemplo: VOS



Fonte: QUADROS; KARNOOPP, 2004, p. 155.

A sequência dos sinais é bastante flexível, uma vez que a informação gramatical muitas vezes é expressa de outras formas, como por meio de expressões faciais e da utilização do espaço para completar a execução do sinal.

Exemplo: Expressões Faciais - Sinal de “Feliz”



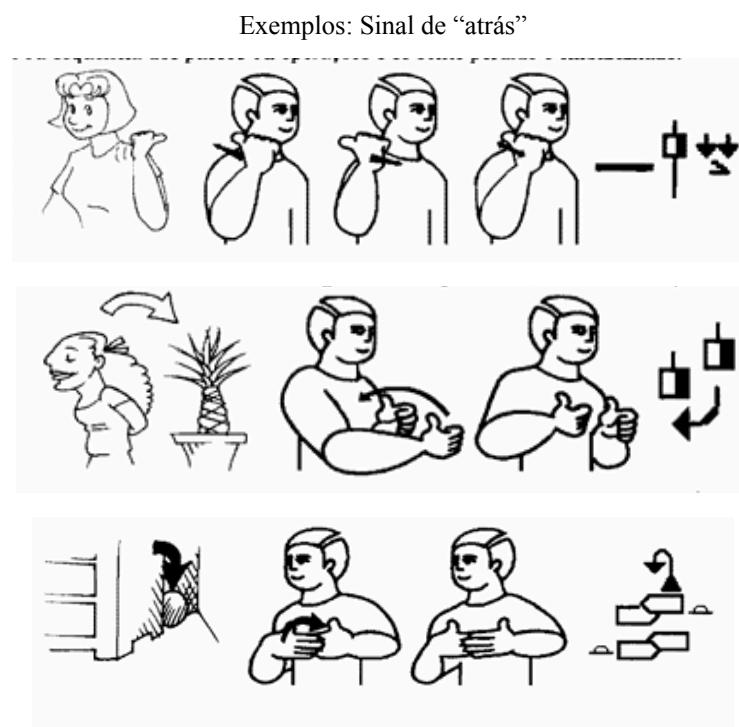
Fonte: Capoville, 2004, p.1063

Exemplo: Utilização do Espaço - Sinal de “Trabalho”



Fonte:Capoville,2004, p.2139

Desta forma, em Libras, utiliza o espaço tridimensional como um recurso essencial para estruturar e conectar informações de forma visual e dinâmica. Esse método permite posicionar sinais em diferentes locais para representar entidades mencionadas, facilitando a retomada de informações sem repetição e garantindo maior clareza na comunicação. Além disso, contribui para a estruturação argumentativa, evidenciando relações entre agentes, ações e objetos. Dessa forma, o espaço não é apenas um suporte, mas um elemento fundamental da sintaxe e coesão da Libras, reforçando sua complexidade e autonomia como língua.



Fonte: Capoville, 2004, p.326

A figura acima representa o sinal "atrás", o qual possui três variações descritas pelo Capoville, cada uma executada de maneira distinta. Observa-se que a primeira variação pode ser interpretada como um indicativo de direção, enquanto as duas últimas incorporam um objeto externo para contextualizar a sinalização. Esse uso do espaço tridimensional evidencia

sua relevância na construção sintática da Libras, auxiliando na transmissão clara do significado.

Enquanto, na língua oral, a organização argumentativa é predominantemente realizada através da disposição das palavras na linearidade da sentença, não havendo a opção de alterar o espaço para indicar relações sintáticas. No caso de ter alteração sentença, seria:

O cão perseguiu o gato

O gato perseguiu o cão

Sendo assim, na língua oral, a mudança na ordem das palavras altera completamente o significado da sentença, pois o sujeito e o objeto são definidos exclusivamente pela posição que ocupam na estrutura linear. Já em Libras, essa relação entre os elementos da oração não depende apenas da sequência dos sinais, mas também do uso do espaço tridimensional. Por exemplo, o sinal de "cão" pode ser posicionado em um local específico no espaço e o de "gato" em outro, permitindo que a ação de "perseguir" seja representada visualmente conforme essa organização espacial, sem necessidade de alterar a ordem dos sinais.

Na Libras, os sinais são constituídos pela combinação de elementos denominados de parâmetros. Sendo eles:

- Configuração da Mão (CM) que se refere à posição dos dedos e das mãos.

A imagem abaixo mostra as 46 CMs da língua de sinais brasileira

1	2	3	4	5	6
[B]	[A]	[G]	[C]	[5]	[V]
[B̄]	[À]	[Ḡ]	[C̄]	[5̄]	[V̄]
[B̄̄]	[Ā]	[Ḡ̄]		[5̄̄]	
[B̄̄̄]	[Ā̄]	[Ḡ̄̄]		[5̄̄̄]	
7	8	9	10	11	12
[O]	[F]	[X]	[H]	[3]	[M]
[Ô]	[F̄]		[H̄]	[3̄]	[M̄]
[bO]	[F̄̄]		[H̄̄]	[3̄̄]	[M̄̄]
13	14	15	16	17	18
[a]	[K]	[I]	[R]	[W]	[L]
[ā]	[K̄]			[L̄]	[E]
19					

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin, 1995

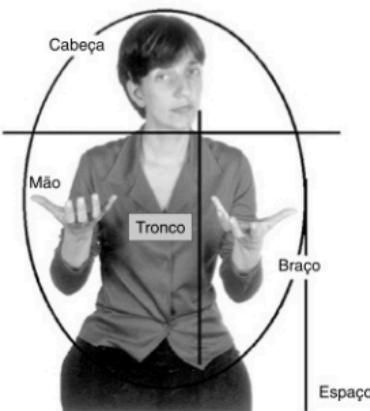
Exemplo a seguir, são os sinais “Educação” e “Hábito”, que possuem a CM distinta, entretanto, o M e L é a mesma.



Fontes: Capoville, 2004, p. 872 e 1197

- Localização (L) ou Ponto de Articulação (PA) onde o sinal é realizado no corpo ou no espaço.

A figura abaixo mostra os espaço em que se pode realizar o sinal



Espaço de realização dos sinais e as quatro áreas principais de articulação dos sinais (baseado em Battison, 1978, p. 49)

Fonte: QUADROS, KARNOPP, 2004, p.57

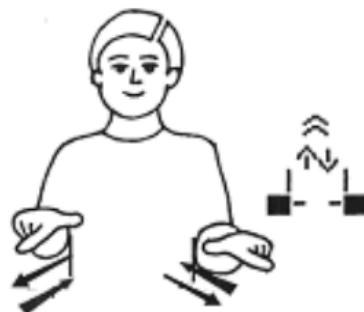
Sinal de “Casa”, a localização é na frente do tronco.



Fonte: Capoville, 2004, p. 532

- Movimento (M) das mãos e dos dedos.

Movimento das mãos retilíneos e alternados para realização do Sinal - “Trabalho”



Fonte: Capoville, 2004, p. 2139

- Orientação(O) da palma da mão, se é com palma para cima ou para baixo, lado esquerdo ou direito, para dentro e para fora.

Orientação da mão



Fonte: QUADROS, KARNOOPP, 2004, p.59 e p.60

- Expressões Não-Manuais (ENM), como expressões faciais e corporais que compõem a linguagem corporal, juntamente como os movimentos da cabeça e os olhares.

Sinal de “Tristeza”



Fonte: Capoville, 2004, p. 2158

E qualquer alteração em um dos parâmetros pode resultar em um sinal completamente distinto ou inexistente.

Os elementos não manuais, como as expressões faciais e corporais, são fundamentais para a estrutura argumental da língua, sendo responsáveis por indicar a formulação de perguntas, a negação, o tempo verbal, a intensidade e outros aspectos gramaticais.

Diferentemente da Libras, a língua portuguesa não depende de gestos ou expressões faciais para a marcação sintática, a qual ocorre por meio de palavras específicas, entonação e, na escrita, pelo uso de pontuação.

Na Libras, por exemplo:

- Perguntas - Nota-se que a ENM como as sobrancelhas juntas com uma clara indagação, Sinal que pode representar - “Que? Onde? Como? Quem? Por que?”



Fontes: Quadros, 2004, p.42

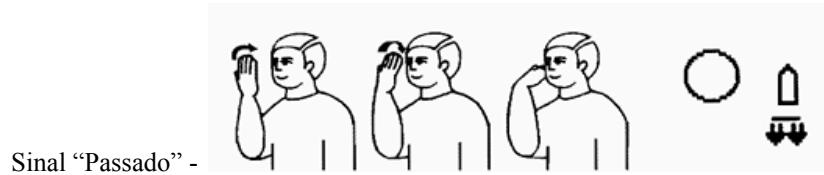
- Negação - Vemos o dedo marcando a negativa juntamente com o movimento da cabeça ao realizar o sinal “Não gostar”



Fontes: Quadros, 2004, p.44

- Tempo verbal - Além do próprio sinal com marcação de tempo, utiliza-se o posicionamento do corpo, se está inclinado para frente (Sinal “Futuro”) ou para trás (Sinal “Passado”)





Fontes: Capoville, 2004, p. 1143 e 1692

- Intensidade - Percebe-se pelo uso de ENM, e o movimento mais amplo para execução do Sinal “Bonito, Bonito +, Bonito ++”



Fontes: Quadros, 2004, p.41

Na língua portuguesa, por exemplo:

- Palavras específicas - Algumas palavras indicam claramente aspectos gramaticais, como advérbios e conjunções:

(3) **Não** gosto de café.

A palavra "não" indica negação.

- Entonação - A variação na entonação pode indicar diferentes sentidos, como perguntas e exclamações:

(4) Você chegou tarde em casa?

A entonação ascendente no final da frase sinaliza uma interrogação.

- Pontuação - Na escrita, os sinais de pontuação cumprem o papel de marcar estrutura e significado:

(5) Ele gosta de café.

Frase afirmativa.

A estrutura argumentativa da Libras demonstra uma forte preferência por essa estratégia, influenciando diretamente a forma como os argumentos são introduzidos. Diferentemente da língua portuguesa, que o recurso da topicalização também é possível, porém é realizada principalmente por meio da reorganização sintática e de variações na entonação durante a fala.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Du Bois (1985) argumenta que o funcionamento da língua ocorre por meio de motivações em competição. Desse modo, forças internas e externas interagem e competem na produção de enunciados. Baseado nessa perspectiva, o autor propõe que a gramática seja tratada como um sistema adaptável, visto que é parcialmente autônoma e sensível a pressões externas. Isso implica que a gramática é sensível, ajustável e capaz de se acomodar às necessidades comunicativas (Ferreira, 2010, p. 34).

Para comprovar essa ideia, Du Bois (1985, 1987) examinou o fenômeno da ergatividade¹ e sua relação com os padrões gramaticais refletidos no discurso, explicando essa relação por meio do fluxo de informação. Seu estudo focou na língua maia ergativa Sacapulteco, falada na Guatemala.

Partindo da necessidade de analisar a língua em uso, Du Bois identificou a possibilidade de descrever os padrões linguísticos mais frequentemente utilizados pelos falantes, ou seja, a estrutura preferida pelos falantes. Algumas observações de Du Bois sobre as narrativas em Sacapulteco estão sintetizadas em Ferreira (2010, p. 36): nessa língua, conforme o estudo do linguista americano, há uma maior probabilidade de que apenas um argumento lexical, veiculando informação nova, seja usado em sentenças sequenciadas no discurso, em comparação com sentenças isoladas, em que prevalece o uso de dois argumentos lexicais expressando mais de uma informação nova.

Além disso, a gramática das línguas ergativas, como o Sacapulteco, indica um padrão isomórfico no fluxo de informação, ou seja, a distribuição sintática dos Sintagmas Nominais (SNs) não é aleatória, mas sim motivada. O padrão isomórfico corresponde exatamente à Estrutura Argumental Preferida, que reflete a configuração dos argumentos mais amplamente utilizados pelos falantes; “não é uma estrutura do discurso, mas uma

¹ Ergatividade é um fenômeno linguístico em que o sujeito de uma oração transitiva recebe uma marcação distinta (caso ergativo), enquanto o sujeito de uma oração intransitiva e o objeto da transitiva compartilham a mesma marcação (caso absolutivo). Esse sistema contrasta com o nominativo-acusativo, comum em línguas como o português.

preferência por uma estrutura sintática” (Du Bois, 1985, p. 349), sendo, portanto, extremamente relevante para a gramática de uma língua (Ferreira, 2010, p. 36).

Em uma análise mais específica, Du Bois buscou verificar a relação entre a função grammatical e a função discursiva dos argumentos nucleares do verbo (sujeito e objeto). Observando um padrão preferencial no discurso, o pesquisador propôs quatro restrições discursivas: duas de ordem grammatical e duas de ordem pragmática, que limitam, por um lado, a quantidade de informação expressa na sentença e, por outro, a função grammatical que veicula essa informação.

A primeira restrição de ordem grammatical diz respeito à presença ou ausência de SNs lexicais na sentença, ou seja, trata-se de uma restrição que envolve a quantidade de argumentos lexicais presentes na sentença. A pesquisa de Du Bois revelou que os argumentos lexicais são mais comuns nas funções sintáticas de Sujeito (S) de verbos intransitivos e Objeto (O) de verbos transitivos, e menos comuns no Sujeito (A) de verbos transitivos. Existem fatores que justificam a presença de argumentos lexicais plenos em S e O, mas não em A, o que leva à segunda restrição grammatical: a restrição de A-não lexical.

As conclusões de Du Bois sobre as restrições grammaticais apontam uma tendência no discurso para limitar, na sentença, a quantidade de argumentos lexicais a apenas um, sendo que a escolha desse argumento não é aleatória, favorecendo certas funções, como S e O. Assim, o padrão preferido na ocorrência de argumentos lexicais, segundo a dimensão grammatical da Estrutura Argumental Preferida, é o verbo mais argumento absolutivo – VSN{S,O}.

A primeira restrição de ordem pragmática refere-se à restrição de um único argumento novo, ou seja, a tendência de evitar mais de um argumento novo por sentença, limitando a quantidade de referentes novos introduzidos pela primeira vez no discurso. Os referentes novos lexicais tendem a ocupar a posição sintática de S ou O, mas não de A, o que conduz à segunda restrição: a restrição de A dado, que consiste na preferência por introduzir um referente novo como objeto da sentença transitiva ou sujeito da sentença intransitiva, mas não como sujeito da sentença transitiva.

Em síntese, as restrições pragmáticas sugerem que a distribuição sintática dos SNs lexicais é determinada por padrões do fluxo de informação no discurso. Quando o referente é uma informação nova, há a seleção de um SN pleno; por outro lado, quando a informação é dada, a configuração pode apresentar uma forma lexical ou uma forma não-lexical, sendo esta última a mais comum.

A Estrutura Argumental Preferida foi testada em várias línguas naturais, não sendo, portanto, um padrão preferencial exclusivo de línguas ergativas, como o Sacapulteco analisado por Du Bois, mas também em línguas nominativas e ativas, defendendo assim a universalidade de um padrão preferencial. Além do Sacapulteco, foram analisadas outras línguas maias por England e Martin (s/d); o inglês por Kumpf (1992); o francês e o espanhol por Ashby e Bentivoglio (1993); o espanhol antigo por Bentivoglio (1994); e o português falado no Brasil por Dutra (1987), Neves (1994) e Pezatti (2004).

A pesquisa de Dutra (1987) discute como a estrutura argumental preferida no português se organiza a partir das exigências sintáticas dos verbos e da forma como os falantes naturalmente constroem suas frases. Dutra percebeu em sua pesquisa que há padrões recorrentes na forma como essas estruturas são organizadas na língua, especialmente no português brasileiro. Na fala cotidiana, essa ordem pode ser mais flexível, dependendo de fatores como a ênfase da frase e a prosódia. Esses padrões indicam que a gramática do português não é apenas um conjunto de regras fixas, mas também um reflexo da maneira como os falantes organizam suas ideias naturalmente.

Essa pesquisa se conecta ao conceito de Preferred Argument Structure (PAS), desenvolvido por Du Bois (1987), que sugere que a maneira como os argumentos são distribuídos nas frases segue certos padrões universais, moldados por fatores cognitivos e discursivos. Du Bois notou que os falantes tendem a inserir apenas um argumento novo por oração e costumam omitir sujeitos que já são conhecidos no contexto. De maneira similar, Dutra observou no português uma forte tendência a omitir ou pronominalizar elementos que já foram mencionados ou são facilmente recuperáveis, evidenciando que a estruturação dos argumentos vai além das regras sintáticas, envolvendo também considerações sobre a informação compartilhada e o contexto comunicativo.

Dutra (1987) revela que as escolhas estruturais dentro da argumentação sintática do português brasileiro não ocorrem de forma aleatória, mas segue tendências previsíveis dentro do funcionamento do sistema linguístico. Essas tendências são moldadas tanto pelas exigências estruturais dos verbos quanto pela maneira como os falantes organizam suas frases de maneira espontânea. A observação dos padrões sintáticos da língua permite identificar tendências que orientam a formação das sentenças.

A construção típica das frases em português brasileiro geralmente segue a ordem Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). No entanto, essa estrutura, embora predominante, não é rígida, pois fatores discursivos e prosódicos podem ocasionar variações, como a topicalização e a focalização de determinados elementos. Em algumas situações, verifica-se o uso de

preposições antes de objetos diretos animados, fenômeno conhecido como marcação diferencial de objeto. Esse traço sintático não ocorre ao acaso, mas decorre de fatores semânticos e pragmáticos, frequentemente utilizados para evitar ambiguidades no papel desempenhado pelo argumento dentro da oração.

Outra característica do português brasileiro é sua natureza de língua de sujeito nulo, permitindo que esse elemento seja omitido quando o contexto já o torna evidente. Esse comportamento é particularmente comum na fala cotidiana, funcionando como um mecanismo de economia linguística e de eliminação de redundâncias. Além disso, a simplificação de construções mais complexas na comunicação espontânea pode resultar na reanálise de estruturas sintáticas, refletindo uma tendência natural da língua em busca de maior fluidez e otimização cognitiva.

A colocação dos pronomes átonos também segue padrões previsíveis. Em contextos formais, a próclise é a forma mais comum, enquanto a ênclise ocorre em cenários específicos, como nas estruturas verbais iniciadas por formas não finitas. Essas tendências demonstram que a gramática do português brasileiro não se restringe a um conjunto inflexível de regras, mas emerge de regularidades observáveis tanto na fala quanto na escrita. Nesse sentido, o estudo de Dutra (1987) oferece uma contribuição significativa para a compreensão dos processos sintáticos subjacentes ao uso da língua, impactando não apenas a pesquisa em linguística teórica, mas também o ensino do português, tanto para falantes nativos quanto para aprendizes da língua.

O trabalho de Neves (1994) permite que discorremos como as sentenças em português tendem a organizar seus argumentos de forma preferencial, ou seja, analisando se existe uma ordem estrutural natural dos elementos na frase que é associada ao papel sintático de cada argumento. Isso reflete a tendência do português em priorizar o sujeito como o foco da ação verbal. A análise de Neves considera a interação entre a sintaxe e a semântica, além de evidenciar que a ordem dos constituintes é em grande parte determinada por fatores pragmáticos e contextuais.

De acordo com Neves (1994), "a ordem SVO em português é a mais comum e se configura como uma estrutura preferida, dado que o sujeito, ao ser posicionado inicialmente, recebe um destaque em termos de foco argumentativo" (Neves, p. 102), o que significa que, na maioria das construções típicas do português, a disposição dos elementos na frase segue a ordem SVO, sendo essa a organização preferencial, o que reflete não apenas as convenções da língua, mas também a relação entre a sintaxe e os princípios que regem a estrutura argumental.

No estudo realizado por Pezatti (2004), a disposição dos elementos na sentença é analisada de forma a identificar que a estrutura mais frequente no português é a ordem Sujeito - Verbo - Objeto (SVO). Essa organização não apenas reflete a importância da clareza informacional, mas também está relacionada ao modo como os eventos são processados cognitivamente. A adoção dessa estrutura facilita a compreensão, pois assegura um fluxo informacional previsível.

Além disso, essa sequência favorece construções transitivas, nas quais um agente desempenha uma ação sobre um paciente, configuração frequente na experiência cotidiana. Tal ordenação não se restringe ao português, sendo observada em diversas outras línguas, o que reforça sua base cognitiva. Conforme destacado por Pezatti, "a predominância da estrutura SVO no português não se deve apenas a um fator sintático, mas principalmente a uma necessidade comunicativa e cognitiva, que orienta a organização da informação no discurso" (Pezatti, p.165-178).

4. METODOLOGIA

Neste segmento, esclarecemos a escolha metodológica incluída, detalhando os procedimentos empregados para alcançar os objetivos da investigação. A pesquisa em questão tem como objetivo examinar a Estrutura Argumental Preferida na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para isso, adotamos uma abordagem funcionalista e quantitativa, permitindo uma investigação sistemática e fundamentada.

4.1. CORPUS DE LIBRAS

O estudo é estruturado a partir da análise de dados empíricos extraídos do Corpus de Libras², além da revisão de estudos especializados na área. Esse repositório linguístico reúne produções em Libras e possibilita uma observação aprofundada das estruturas argumentais mais recorrentes.

Amplamente reconhecido como uma contribuição substancial para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), será um alicerce para o reconhecimento, valorização e divulgação de Libras em nosso mundo moderno. Este inventário é estabelecido por meio do decreto presidencial nº 7387/10, visando registrar e manter as mais diversas

² <https://corpuslibras.ufsc.br/>

línguas faladas no Brasil, proporcionando assim uma ampla base de dados para investigações baseadas na construção argumentativa em Libras.

Esse Corpus de Libras, fruto de diversos projetos acadêmicos, oferece um vasto acervo acessível para estudos linguísticos e culturais. Além de documentar a variação linguística da Libras, constitui-se como um importante patrimônio da humanidade. Seu valor reside na preservação e sistematização das formas de expressão da Libras ao longo do tempo, promovendo pesquisas e contribuindo para a resolução de desafios na área.

Dentro do Corpus de Libras, há três categorias principais de materiais: artigos acadêmicos, registros visuais (vídeos e fotografias) e textos traduzidos. Esses documentos são organizados por título, dados e extensão, garantindo fácil acesso e catalogação. A transcrição do material segue normas que garantem uniformidade e rigor metodológico nas pesquisas.

Por meio desse Corpus, os pesquisadores analisam a estrutura argumental da Libras, identificando tendências na organização sintática e semântica dos enunciados. A análise dos dados evidencia padrões estruturais e a flexibilidade na ordem dos constituintes, ampliando a compreensão sobre a gramática da Libras. A coleta de dados ocorre em interações espontâneas entre usuários da língua.

Além de contribuir para os estudos sobre a Libras, o Corpus possibilita comparações com outras línguas de sinais e línguas orais, investigando suas propriedades tipológicas. Portanto, o Corpus de Libras faz mais do que registrar e consolidar a posição de Libras como um patrimônio linguístico e cultural tanto do povo brasileiro quanto da nação brasileira, pois também fornece uma base substancial para desenvolvimentos relevantes para a pesquisa acadêmica.

Optamos por trabalhar com o gênero textual entrevista de tema livre para a coleta dos dados linguísticos, pois esse formato permite interações espontâneas entre os participantes, possibilitando uma análise mais detalhada da estrutura argumental preferida em Libras. Trata-se de um gênero de língua sinalizada dialogada, gravado de forma natural, o que permite observar a sinalização em contextos autênticos de uso da língua. As entrevistas analisadas integram o Corpus de Libras da região de Santa Catarina, uma base de dados desenvolvida no âmbito do Projeto Inventário Nacional da Libras, sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros.

Foram selecionadas duas entrevistas, ambas realizadas na cidade de Florianópolis (SC): FLN G1 D1 – Entrevista 1 (ID Dado: 321) e FLN G1 D1 – Entrevista 2 (ID Dado: 322), coletadas em 14 de abril de 2014. Participaram das gravações as sinalizantes Karine Inês Ferreira Cardoso, Nicoly Danielki dos Santos, Maria Dianelly Borba da Silva e Agnes da

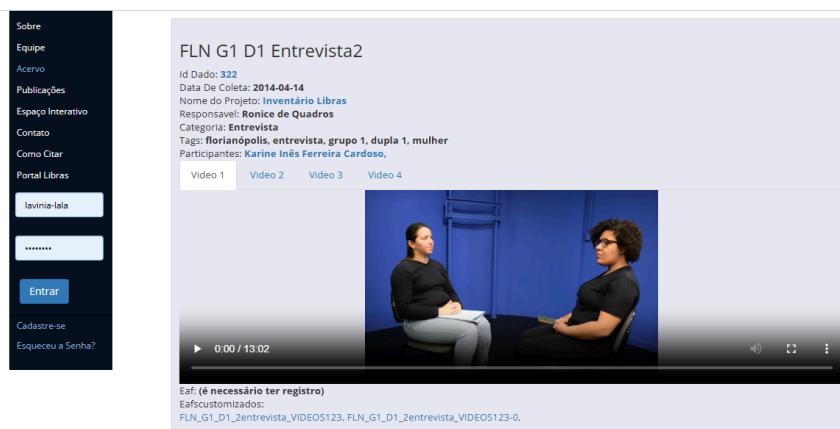
Silva Barbosa. Cada entrevista tem duração aproximada de 15 minutos, totalizando 30 minutos de material audiovisual analizado.

FLN G1 D1 – Entrevista 1 (ID: 321)



Fonte: Acervo pessoal - Print do site Corpus de Libras <<https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=321>>

FLN G1 D1 – Entrevista 2 (ID: 322)



Fonte: Acervo pessoal - Print do site Corpus de Libras <<https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/view?id=322>>

As entrevistas foram transcritas com base no método sinal-palavra/sinal-palavra, em que cada sinal em Libras é associado à sua correspondência em português. Esse método busca preservar tanto a estrutura original da língua de sinais quanto a fluidez e compreensão do conteúdo para fins analíticos. A transcrição foi realizada com o apoio da intérprete profissional fluente em Libras, que também revisou o material após sua finalização, assegurando maior fidelidade aos dados.

O processo de transcrição resultou em um total de 9 páginas, com 118 linhas e 1.951 palavras. A escolha desse gênero textual e da metodologia de transcrição justifica-se pela necessidade de manter a naturalidade das interações, aspecto essencial para a análise

linguística proposta, sobretudo no que se refere à identificação da sinalização espontânea em contextos de conversação livre. A partir dessa base, será possível identificar as estruturas linguísticas mais recorrentes, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos padrões estruturais da Libras.

4.2. AS FERRAMENTAS UTILIZADAS PARA A DESCRIÇÃO DE DADOS

Nesta seção, apresentamos as ferramentas analíticas adotadas na pesquisa, sendo elas: o software Goldvarb X e os grupos de fatores linguísticos, as quais utilizamos para a descrição e sistematização dos dados extraídos do Corpus de Libras. Permitindo a realização de uma análise quantitativa das estruturas argumentais observadas, contribuindo para a identificação de padrões e regularidades no uso da Libras.

4.2.1. GOLDAVARB X

O software Goldvarb X foi adotado como principal ferramenta para o tratamento quantitativo dos dados desta pesquisa. Originalmente desenvolvido no âmbito da Sociolinguística Variacionista³, com o objetivo de investigar fenômenos de variação e mudança linguística, o Goldvarb X tem sido amplamente incorporado também por estudos de base funcionalista voltados à descrição do uso real das línguas naturais. Sua principal contribuição metodológica reside na aplicação da regressão logística multivariada, técnica estatística que permite estimar a influência de múltiplas variáveis independentes, sejam elas, de natureza linguística, pragmática ou social, sobre uma variável dependente, que representa a forma variável em análise.

No presente estudo, o Goldvarb X foi utilizado para examinar a variação na realização de sintagmas nominais (SNs) na Língua Brasileira de Sinais (Libras), com base em dados empíricos extraídos de um Corpus de Libras. A ferramenta permitiu identificar padrões de distribuição estatisticamente significativos, considerando fatores gramaticais (como a estrutura sintática e a categoria verbal), pragmáticos (como a topicalização ou o foco informacional) e informacionais (como a ativação ou recuperação de referentes no discurso).

Além disso, a aplicação do Goldvarb X à análise de estruturas argumentais na Libras representa uma contribuição metodológica relevante, ao explorar o potencial da ferramenta

³ Sociolinguística Variacionista: É uma área da linguística que estuda as variações da língua em uso dentro de uma comunidade de fala, analisando como a língua é usada de forma diferente pelos seus membros. Essa área busca entender os fatores que influenciam a variação linguística, como idade, sexo, classe social, nível de escolaridade e outros aspectos sociais.

em contextos ainda pouco explorados, como o das línguas de sinais. Com isso, buscou-se não apenas descrever a frequência e a distribuição dos SNs no Corpus, mas também compreender os fatores que condicionam seu uso, contribuindo para o avanço dos estudos sobre a gramática de línguas visuo-espaciais..

4.2.2. GRUPOS DE FATORES

A partir da sistematização dos dados obtidos através das entrevistas selecionadas, tornou-se necessário estabelecer uma classificação baseada nos grupos de fatores linguísticos como um parâmetro para a análise das estruturas argumentais. Tendo o objetivo de identificar as configurações que demonstram recorrência em determinados contextos comunicativos, assim, mostrando em evidência os padrões preferenciais na estruturação das orações da Libras.

Com isso em mente, a abordagem proposta permite a descrição da organização sintática dos enunciados e como a informação é construída e distribuída no espaço discursivo da língua. Portanto, o mais adequado seria usar um modelo analítico composto por três dimensões interdependentes, sendo elas: gramatical, pragmática e informacional, como dimensões centrais para interpretar os padrões argumentais preferenciais da Libras, como demonstrado no capítulo teórico.

Como representado na tabela a seguir:

Grupos de Fatores Linguísticos			
Dimensão	Subgrupo	Categoria	Código
	Papel sintático	Sujeito de verbo intransitivo	S
		Sujeito de verbo intransitivo existencial	E
		Sujeito de verbo intransitivo não existencial	N

Gramatical		Objeto de verbo AI ou CV	O
		Sujeito de verbo copulativo	X
	Forma de manifestação	Sintagma nominal pleno, lexical	L
		Sintagma nominal não lexical, pronominal	P
		Sintagma nominal não lexical, elíptico	T
	Posição em relação ao verbo	Antes do verbo	A
		Depois do verbo	D
Pragmática	Definitude	Definido	F
		Indefinido	I
	Categoria semântica	Humano	H
		Não humano e animado	V
		Não animado	W
Informacional	Status informacional	Dado	Y
		Novo	Z
		Disponível	B
		Inferível	U

Tabela 1: Elaborada pela autora: criada para visualizar os parâmetros estabelecidos para análise.

Na dimensão gramatical, a investigação concentra-se nas propriedades estruturais dos argumentos que compõem a oração. Três subgrupos se destacam nesse domínio: o papel sintático, a forma de manifestação e sua posição em relação ao verbo. O primeiro subgrupo se

refere ao papel sintático desempenhado pelos argumentos, nesta parte que distingue diferentes funções que se distribuem entre sujeitos e objetos, conforme o tipo de predicado envolvido.

Verifica-se, por exemplo, a presença de sujeitos de verbos intransitivos simples, bem como de sujeitos específicos de construções existenciais, cujos predicados marcam a introdução ou constatação de existências no espaço discursivo. Podendo surgir os argumentos associados a verbos copulativos⁴, responsáveis por atribuir estados ou qualidades ao sujeito, além dos objetos diretos característicos de verbos transitivos ou afetivos.

A forma de manifestação dos argumentos constitui o segundo subgrupo dessa dimensão, que identifica como os constituintes argumentais se materializam no enunciado: seja por meio de expressões nominais plenas e lexicalmente ricas, por pronomes que retomam referentes já estabelecidos, ou ainda pela elipse, em que o argumento, embora não expresso linguisticamente, é recuperável a partir do contexto pragmático ou discursivo.

O último subgrupo analisa a posição do argumento em relação ao verbo, aspecto que, em Libras, revela detalhes importantes devido à flexibilidade da ordem dos constituintes. A posição pré-verbal pode estar relacionada à topicalização ou à ênfase informacional, enquanto a ocorrência pós-verbal muitas vezes se associa à introdução de novos elementos no discurso.

A segunda dimensão pragmática, explora como os argumentos são percebidos em relação ao conhecimento compartilhado e às expectativas comunicativas. Três elementos compõem essa perspectiva: a noção de definitude, a categoria semântica dos referentes e sua acessibilidade no universo discursivo. A definitude diz respeito ao grau de identificabilidade de um referente. Argumentos definidos indicam entidades que o interlocutor pode reconhecer, geralmente por já terem sido introduzidas no discurso anterior ou por fazerem parte do conhecimento comum. Já os indefinidos introduzem novas entidades, ainda não ancoradas na memória discursiva compartilhada.

Quanto ao que se refere à categoria semântica, ela classifica argumentos de acordo com as propriedades do estudo da natureza do ser, da existência e da realidade. Sendo isso, uma categoria semântica que inclui a diferenciação entre seres humanos e locutores, animados não humanos e inanimados. Permitindo assim um efeito direto na codificação e interpretação de argumentos, afetando como eles são interpretados e codificados, tal como, influenciando a escolha de estratégias referenciais e marcadores de concordância não manuais.

⁴ Verbos copulativos: são aqueles que ligam o sujeito ao predicativo, indicando uma característica ou estado do sujeito, sem expressar uma ação.

A terceira e última dimensão aborda o status informacional dos argumentos, ou seja, sua posição relativa ao conhecimento já disponível ou novo no discurso. Essa categorização permite compreender como a Libras organiza e prioriza a informação, estabelecendo estratégias visuais de foco e coesão.

Os dados são aqueles já mencionados e, portanto, familiar ao interlocutor. Os novos correspondem a elementos recém-introduzidos, sendo sua função de expandir o conteúdo temático da interação. Já os argumentos disponíveis são aqueles que, embora não tenham sido explicitamente mencionados, podem ser acessados pelo contexto situacional ou por inferências compartilhadas. Finalmente, os inferíveis constituem elementos dos quais a presença é logicamente dedutível a partir de outras informações já apresentadas no discurso.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados gerados a partir do Goldvarb X. Em um primeiro momento, mostramos o resultado quantitativo e, posteriormente, como esses dados contribuem para uma interpretação dos dados da análise.

A análise dos grupos de fatores linguísticos realizada por meio da ferramenta Goldvarb X permitiu fazer uma análise quantitativa e, a partir dela, fazer também uma análise aprofundada dos dados coletados, o que permitiu observar os padrões relevantes na realização dos sintagmas nominais (SNs) argumentos em Libras, considerando diferentes dimensões gramaticais e pragmáticas. As variáveis analisadas nos grupos de fatores linguísticos inclui a forma de manifestação, posição em relação ao verbo, definitude, categoria semântica e *status* informacional, articuladas ao papel sintático desempenhado pelo SN argumento.

5.1. DIMENSÃO GRAMATICAL

A dimensão grammatical se concentra na análise das propriedades estruturais que os argumentos assumem dentro da oração. Esta dimensão é essencial para entender como os constituintes se organizam sintaticamente e quais formas eles podem assumir na estrutura linguística da Libras. Para essa análise, três subgrupos se destacam, conforme a teoria de Du Bois (1985, 1987): o papel sintático do argumento, a forma de sua manifestação e sua posição relativa ao verbo que será apresentado juntamente com os resultados dos dados.

5.1.1. PAPEL SINTÁTICO DO ARGUMENTO

O papel sintático dos sintagmas nominais (SNs) é fundamental para compreender a organização argumental da Libras dentro das orações. Na análise aqui proposta, essa classificação, além de identificar e distinguir os sujeitos e objetos de acordo com o tipo de predicado envolvido, permite também verificar o comportamento desses argumentos na construção da sentença por usuários da Libras. Nesta análise, três funções foram atestadas: sujeito de verbo intransitivo não existencial (S), objeto (O) e sujeito de verbo copulativo (X). O resultado obtido pode ser verificado na tabela a seguir:

Papel Sintático do Argumento					
Grupo	N	S	O	X	Total
Total	3	27	20	2	52
%	5,8	51,9	38,5	3,8	100

Tabela 2: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X (Grupo 1).

Com base nos dados, a função de sujeito transitivo e intransitivo não existencial (S) foi a mais frequente com 51,9%, conforme se verifica no exemplo (6), enquanto no papel de objeto obteve 38,4%, como se pode ver em (7) e os sujeitos copulativos (X), exemplificados em (8) apareceram em apenas 3,8% dos casos.

(6) "...professor obrigava **eu** entrar no grupo..." FLN G1 D1 – Entrevista 1 (2:18-2:24)

(7) "...**eu** tinha um ano quase dois anos." FLN G1 D1 – Entrevista 1 (1:09-1:15)

(8) "Agora **parece conhecimento melhor.**" FLN G1 D1 – Entrevista 1 (3:19-3:23)

Vale ressaltar que a função de sujeito de verbo intransitivo existencial (E) não foi registrada nos dados analisados. Essa ausência pode refletir uma preferência por construções existenciais sem sujeito explícito, como exemplificam os casos em (9) e (10) abaixo, sugerindo estratégias discursivas ou gramaticais próprias da Libras, como o uso de elipses ou de predicações existenciais focadas no evento e não no sujeito. Essa constatação reforça a necessidade de abordagens multifatoriais para captar as sutilezas da estrutura sintática em línguas visuais-espaciais como a Libras.

(9) "Eu moro aqui Florianópolis, **minha família Palhoça....**" FLN G1 D1 – Entrevista 1 (1:00-1:08)

- (10) “...eu vim criança..” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (1:05-1:08)

5.1.2. FORMA DE MANIFESTAÇÃO DO ARGUMENTO

Este subgrupo diz respeito às diferentes maneiras pelas quais os argumentos se materializam na oração. Em Libras, a forma de manifestação pode variar entre expressões nominais plenas, que são ricas lexicalmente e oferecem informações detalhadas sobre o referente, pronomes geralmente usados para retomar referentes já introduzidos no discurso, e elipses, nas quais o argumento não é expresso linguisticamente, mas pode ser recuperado com base no contexto pragmático ou discursivo.

O resultado obtido pode ser verificado na tabela a seguir:

Forma de manifestação do argumento						
Grupo	N	S	O	X	Total	%
P	3	2	3	0	8	15,4
%	37,5	25	37,5	0		
L	0	13	12	2	27	51,9
%	0	48,1	44,4	7,4		
T	0	12	5	0	17	32,7
%	0	70,6	29,4	0		
Total	3	27	20	2	52	100
%	5,8	51,9	38,5	3,8		

Tabela 3: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X (Grupo 2).

Dentro das 52 ocorrências analisadas, no subgrupo de forma de manifestação pode se observar a predominância de SNs lexicais sendo de 51,9%, como se pode verificar no exemplo (11), em seguida aparecem os casos de elipse com 32,7%, conforme (12), e pronomes com 15,4%, como exemplifica a ocorrência em (13).

- (11) “...família contato oralização, nada Libras...” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (5:50-6:00)

- (12) “Depois Ónascer crescer **um ano** pai desconfiou...” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (1:35-1:45)

- (13) “...eu ensino professora criança...” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (3:55-4:05)

Ao cruzarmos os dados de forma de manifestação dos argumentos com os dados de papel sintático dos argumentos, podemos observar os seguintes resultados apontados no gráfico 2. Os SNs lexicais atuaram principalmente como sujeitos em 48,1% das vezes, conforme aponta a ocorrência em (14), e objetos em 44,4%, como podemos verificar no exemplo (15), evidenciando uma preferência pela expressão plena em papéis sintáticos centrais. Enquanto os elípticos permanecem como sujeitos em 70,6%, refletindo o uso da elipse em contextos de topicalização, exemplificado em (16), os pronomes totalizam 15,4% das ocorrências encontradas no Corpus analisado, distribuindo-se de forma mais equilibrada entre sujeito e objeto, o que se presume como uma estratégia de retomada de uma ideia já mencionada anteriormente em SOV.

- (14) “Antigamente **mãe grávida...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (1:32-1:37)
- (15) “Antes empresa percebe como **futuro** não acredita...” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (5:44-5:50)
- (16) “Depois Ónascer crescer **um ano** pai desconfiou...” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (1:35-1:45)

5.1.3. POSIÇÃO DO ARGUMENTO EM RELAÇÃO AO VERBO

A posição ocupada pelos argumentos em relação ao verbo é um aspecto de grande relevância na estrutura da Libras. Segundo Quadros, Karnopp (2004), embora a Libras apresenta flexibilidade na ordem dos constituintes, essa disposição não é apenas uma questão de sintaxe formal, mas envolve também marcas discursivas que refletem as intenções comunicativas do enunciador e as estratégias de organização da informação.

Para esta análise, consideramos os 35 casos em que os argumentos de fato foram preenchidos na posição anterior ou posterior ao verbo, pois não é possível saber qual seria a posição exata do argumento nos casos de elipse, que totalizaram 12 ocorrências. O resultado obtido pode ser verificado na tabela a seguir:

Posição do Argumento em Relação ao Verbo						
Grupo	N	S	O	X	Total	%
A	3	14	2	0	19	54,3
%	15,8	73,7	10,5	0		
D	0	1	13	2	16	45,7
%	0	6,2	81,2	12,5		

Posição do Argumento em Relação ao Verbo						
Total	3	15	15	2	35	100
%	8,6	42,9	42,9	5,7		

Tabela 4: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X (Grupo 3).

Sendo assim, a partir dos dados que obtivemos dentro do subgrupo de posição em relação ao verbo, podemos visualizar a relação com o papel sintático. Os argumentos antes do verbo ocorrem em 54,3% das ocorrências encontradas, conforme se verifica em (17), sendo que 73,7% desses casos referem-se a argumentos sujeitos, conforme (18), e 10,5% referem-se a objetos, conforme (19).

- (17) “Minha mãe sabe **língua sinais respeita...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (10:02-10:07)
- (18) “...**cidade pequena/interior, surdo único só mímica...**” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (6:53-6:57)
- (19) “Porque **outras pessoas antigamente escola me viam...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (0:24-0:28)

Já os casos em que os argumentos aparecem depois do verbo comportam-se preferencialmente como objetos em 81,2% das vezes, como podemos observar no exemplo (20), enquanto sujeitos representam 6,2%, conforme (21) e argumento de verbo copulativo representa 12,5% dos casos analisados, como exemplifica (22). Confirmando que o padrão básico SVO em Libras e indica que a ordem linear é um fator relevante na marcação argumental.

- (20) “... **fui aula de reforço português...**” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (5:30-5:37)
- (21) “Eu verdade nasci moro Florianópolis **aqui**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (0:55-0:58)
- (22) “Perto **antigamente casa mãe pai dentro centro.**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (1:00-0:09)

5.2. DIMENSÃO PRAGMÁTICA

A dimensão pragmática tem o intuito de compreender como os argumentos se relacionam com o conhecimento compartilhado entre os interlocutores e com as expectativas comunicativas construídas ao longo da interação. Essa dimensão é composta por dois subgrupos: a definitude e o categoria semântica dos argumentos.

5.2.1. DEFINITUDDE DO ARGUMENTO

A definitude indica o grau de identificabilidade do referente no discurso (cf. Ferreira, 2010, p. 42). Por sua vez, Dutra (1987, p. 58) acrescenta que a definitude diz respeito à facilidade de identificação do referente pelos interlocutores a partir do contexto compartilhado; ao contrários dos referentes indefinidos, que são aqueles relacionados a novos participantes referenciais, ou seja, aqueles ainda não introduzidos na memória discursiva comum.

Também consideramos, para a análise da definitude dos argumentos, apenas os casos em que os argumentos foram preenchidos por um item lexical, um SN pleno, exemplificado em (23); desconsideramos, assim, os casos em que a forma de manifestação era um pronome, exemplificado em (24), elipse, exemplificada em (25), e outras formas de sintagmas, exemplificada em (26), dada a impossibilidade de verificarmos a definitude nesses casos.

- (23) “Antes **empresa** percebe como futuro não acredita...” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (5:44-5:50)
- (24) “Porque **outras pessoas** antigamente escola me viam...” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (0:24-0:28)
- (25) “**O**Estudo dentro da escola bom” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (1:33-1:40)
- (26) “**Meu nome K-A-R-I-N-E.**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (0:17-0:23)

A tabela abaixo mostra o resultado na análise quantitativa da definitude dos argumentos das 25 ocorrências que encontramos no Corpus de Libras.

Definitude do Argumento						
Grupo	N	S	O	X	Total	%
F	0	11	8	1	20	80
%	0	55	40	5		
I	0	2	2	1	5	20
%	0	40	40	20		
Total	0	13	10	2	25	100
%	0	52	40	8		

Tabela 5: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X (Grupo 4).

Pelo que podemos observar na tabela, os dados obtidos mostraram que a maioria dos SNs argumentos, 80%, era definido, com predomínio do papel de sujeito com 55%, como

podemos observar em (27), seguido de objeto com 40%, como se verifica em (28). Os SNs argumentos indefinidos, por seu turno, representaram 20% dos dados, conforme (29) abaixo, representando argumento de verbo copulativo.

(27) “Minha mãe sabe **língua sinais respeita...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (10:02-10:07)

(28) “Professor obrigava **eu entrar no grupo...**” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (2:18-2:24)

(29) “**ÓTenho filho já idade três anos...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (10:38-10:42)

5.2.2. CATEGORIA SEMÂNTICA DO ARGUMENTO

Este tópico, é responsável pela natureza dos referenciais em termos de existência, animacidade⁵ e humanidade. Essa classificação distingue argumentos que se referem a seres humanos daqueles não humanos, e animados, como animais e pessoas, dos inanimados, como objetos e/ou conceitos abstratos.

O resultado obtido pode ser verificado na tabela a seguir:

Categoria Semântico do Argumento						
Grupo	N	S	O	X	Total	%
H	3	27	8	0	38	73,1
%	7,9	71,1	21,1	0		
W	0	0	12	2	14	26,9
%	0	0	85,7	14,3		
Total	3	27	20	2	52	100
%	5,8	51,9	38,5	3,8		

Tabela 6: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X (Grupo 5).

Nos dados adquiridos, a categoria semântica mostrou que os SNs humanos são de 73,1% atuando quase exclusivamente como sujeitos em 71,1%, como se vê em (30), enquanto os não animados representam 26,9% e se concentraram como objetos em 85,7%, conforme se verifica em (31). Esse padrão reforça que os traços de humanidade e de animacidade são fatores influentes na organização sintática da Libras, privilegiando referentes humanos na posição de sujeito e referentes não animados na posição de objeto.

⁵Animacidade refere-se à propriedade de um substantivo que indica se o seu referente é um ser vivo ou não. É uma característica gramatical que pode ter um impacto na estrutura e funcionamento de uma frase em algumas línguas.

(30) “Eu verdade nasci moro Florianópolis aqui.” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (0:55-0:58)

(31) “...fui aula de reforço português..” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (5:30-5:37)

5.2.3. DIMENSÃO INFORMATACIONAL: STATUS INFORMATACIONAL DO ARGUMENTO

Essa categorização permite uma análise mais aprofundada do fluxo informatacional da Libras, evidenciando como a língua visual-espacial lida com a gestão de referências e com a articulação entre o que é conhecido e o que é novo no discurso. Dessa forma, o status informatacional diz respeito ao status dos argumentos quanto à sua novidade ou familiaridade dentro do discurso. Essa análise permite compreender como a Libras organiza as informações, mobilizando estratégias visuais para marcar foco, continuidade e coesão temática.

A tabela a seguir mostra o resultado do status informatacional dos argumentos das sentenças consideradas nesta pesquisa:

Status Informacional do Argumento						
Grupo	N	S	O	X	Total	%
Y	3	22	7	1	33	63,5
%	9,1	66,7	21,9	3		
Z	0	4	7	1	12	23,1
%	0	33,3	58,3	8,3		
U	0	1	5	0	6	11,5
%	0	16,7	83,3	0		
B	0	0	1	0	1	1,9
%	0	0	100	0		
Total	3	27	20	2	52	100
%	5,8	51,9	38,5	3,9		

Tabela 7: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X (Grupo 6).

De acordo com esses resultados, o status informatacional predominante é o dado, com 63,5%, sendo que, em sua maioria, as informações dadas representam a função de sujeito da

sentença em 66,7%, como se observa na ocorrência (32); enquanto os sintagmas nominais novos, 23,1%, disponíveis, 1,9%, e inferíveis, 11,5%, possuem o papel predominante de objeto, conforme se verifica em (33), (34) e (35) abaixo, o que permite uma lógica na construção das frases para evitar repetir e tornar a comunicação mais direta.

- (32) “Minha mãe sabe **língua sinais respeita...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (10:02-10:07)
- (33) “Aqui **UFSC interação professores vem em mim...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (6:03-6:08)
- (34) “Antes **empresa percebe como futuro não acredita...**” FLN G1 D1 – Entrevista 2 (5:44-5:50)
- (35) “...**família contato oralização, nada Libras...**” FLN G1 D1 – Entrevista 1 (5:50-6:00)

Se cruzarmos dados da forma manifestação dos SNs argumentos com o status informacional desses argumentos, obtemos o seguinte resultado:

Forma de Manifestação do Argumento X Status Informacional do Argumento					
Grupos	Y	Z	U	B	Total
P	8	0	0	0	8
%	100%				15%
L	10	11	5	1	27
%	37%	41%	18%	4%	52%
T	15	1	1	0	17
%	88%	6\$	6%		33%
Total	33	12	6	1	52
%	63%	23%	12%	2%	100%

Tabela 8: elaborada pela autora criada a partir de dados gerados pelo Goldvarb X.

Os dados analisados a partir do cruzamento apresentou um total de 33 ocorrências no grupo Y - Dados, com predominância das formas elíptica e lexical em 80%, enquanto o pronominal é em 38%. Quanto ao papel sintático, observa-se uma predominância dos sujeitos intransitivos em 67%, o que permite perceber o fluxo de informação sendo em sua maioria é frequentemente elíptico ou lexical.

No grupo Z - Novo, foram registradas 12 ocorrências, das quais 11 são lexical em 92% e o restante de 8% em elíptico. Já o papel sintático diferentemente do grupo Y - dados, o objeto que permanece com a maioria das ocorrências em 58% e o sujeito com 33%. O que

sugere uma relação entre a introdução de novos referentes e uso de lexicais em função de objeto, uma estratégia estabelece novos referentes de maneira mais clara no discurso.

O grupo U - Inferível, analisou 6 ocorrências, em que a maior presença é da forma lexical e elíptica, sem registro das formas pronominais. Igual ao grupo Z - novo, apresenta predominância do papel de objeto com 83% e do sujeito apenas com 17%. Interpretando assim que mesmo que seja inferível o referente necessita de uma clareza para não haver ambiguidade.

Assim, o grupo B - Disponível, analisou apenas uma ocorrência na forma lexical com o papel sintático de objeto, embora não seja suficiente para estabelecer uma análise quantitativa aprofundada, o referente disponível permanece o mesmo padrão dos grupos anteriores, grupo Z - Novo e grupo U - Inferível. Possibilitando visualizar que o falante tende a usar formas lexicais na posição de objeto.

Por fim, a análise geral das 52 ocorrências revelou a predominância da forma lexical, com 52% dos casos, seguida pela forma elíptica em 33% e, por fim, pela pronominal com 15%. Esses dados indicam que, em contextos nos quais o referente já é conhecido no discurso, há uma tendência no uso de sujeitos elípticos ou lexicais, evidenciando uma economia no referencial.

Por outro lado, os referentes novos e inferíveis foram majoritariamente realizados por meio da função de objeto, o que sugere que, quando a informação ainda não está presente ou clara para o interlocutor, é necessário explicar com mais detalhes no discurso. Assim, os resultados demonstram como o status informacional influencia diretamente as escolhas referenciais na Libras, refletindo uma organização discursiva sensível à gestão da informação entre falante e ouvinte.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Du Bois (1985, 1987) sobre a Estrutura Argumental Preferida demonstram que as escolhas sintáticas feitas pelos falantes não são aleatórias, mas organizadas segundo pressões gramaticais e pragmáticas. Pesquisas aprofundadas sobre línguas orais (England e Martin (s/d); Ashby e Bentivoglio (1993); Bentivoglio (1994)) já haviam comprovado essas restrições, também observadas na língua portuguesa (cf. Dutra, 1987; Neves, 1994; Pezatti, 2004). No entanto, até o momento, não havia estudos que explorassem essas restrições nas línguas de sinais.

Neste trabalho, buscou-se investigar a Estrutura Argumental Preferida na Libras, a partir de uma abordagem quantitativa aplicada a dados empíricos do Corpus de Libras, composto por entrevistas sinalizadas de Santa Catarina. Por meio da categorização dos dados em grupos de fatores gramaticais e pragmáticos, e com a aplicação do software Goldvarb X, foi possível visualizar padrões recorrentes na realização de SNs e identificar os fatores que influenciam sua distribuição no discurso sinalizado.

A partir da hipótese de que a Libras, assim como outras línguas naturais, apresenta uma estrutura argumental preferida caracterizada pela predominância de sentenças com apenas um argumento lexical, geralmente na função de sujeito, alinhando-se a princípios universais de economia referencial e gestão da informação no discurso. Essa hipótese fundamenta-se na proposta de Du Bois (1987) e foi confirmada pela análise dos dados, evidenciando que, também em uma língua visual-espacial como a Libras, há uma tendência à limitação de argumentos lexicais por sentença e uma organização motivada pelo status informacional.

Os resultados, em especial na Tabela 8, o cruzamento entre a forma de manifestação dos argumentos e o status informacional, confirmaram tanto a presença da restrição gramatical quanto da pragmática. Em termos gramaticais, verificou-se uma forte tendência de que, em sentenças com verbos intransitivos, o sujeito seja realizado por formas lexicais, o que é compatível com a hipótese de que há uma limitação para o número de argumentos lexicais plenos por sentença. Argumentos secundários, como objetos, costumam aparecer sob forma elíptica ou, em alguns casos, também lexical, conforme observado nos grupos Z, U e B.

Do ponto de vista pragmático, observou-se uma relação clara entre o status informacional e a forma referencial adotada: argumentos conhecidos (grupo Y - Dados) foram majoritariamente realizados por formas elípticas ou lexicais, indicando uma economia do referencial no discurso. Já os referentes novos e inferíveis (grupos Z e U), por sua vez, foram expressos com maior frequência por formas lexicais e, em sua maioria, ocuparam a função sintática de objeto. Esse padrão sugere que, ao introduzir novos referentes ou recuperar referentes inferíveis, os sinalizadores recorrem à forma lexical como estratégia de clareza para evitar ambiguidade, especialmente na posição de objeto.

Conclui-se, que o status informacional influencia diretamente nas escolhas referenciais na Libras, refletindo uma organização discursiva na gestão da informação entre falante e ouvinte, no caso da Libras entre os sinalizadores. O estudo não apenas ressalta o valor do Corpus de Libras como patrimônio linguístico e cultural do Brasil, mas também contribui para o avanço dos estudos linguísticos sobre línguas de sinais, ampliando a

compreensão sobre suas especificidades estruturais. Espera-se que os dados aqui apresentados sirvam de base para futuras investigações e para o fortalecimento da pesquisa acadêmica voltada à descrição e valorização da Libras em sua diversidade e riqueza expressiva.

REFERÊNCIAS

ASHBY, William J. e BENTIVOGLIO, Paola. **Estrutura de Argumentação Preferida em Francês e Espanhol Falados**. *Language Variation and Change* 5.1 (1993): p. 61–76.

BENTIVOGLIO, P. Spanish preferred argument structure across time and space. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 10, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45396>. Acesso em: 23 maio. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.387, de 9 de dezembro de 2010. **Institui o Inventário Nacional da Diversidade Linguística - INDL**, e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 10 dez. 2010.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras** e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CAPOVILLA, Fernando C. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**: Libras. São Paulo: Edusp, 2004.

CHAFFE, Wallace. Cognitive constraints on form and content in narrative. In: TOMASELLO, Michael; SLAWIN, Dani (ed.). **Emerging Syntheses in Cognitive Science**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988. p. 140–155.

CHAFFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMASELLO, Michael (ed.). **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 21–51.

CHAFFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In: LI, Charles N. (ed.). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 25–55.

Chafe, Wallace L. 1976. **Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view**. Subject and Topic, ed. Li, Charles N., p. 25–55.

DE LANCEY, Scott. **Topics in the syntax and semantics of subjectivity**: The role of point of view in linguistic structure. Berkeley: University of California, 1981.

DU BOIS, John W. Meaning without intention: Lessons from Native America. In: MUSHIN, Ilana et al. (Org.). **Discourse and Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 627-645.

DU BOIS, John W. Preference organization and gradient structure in discourse. In: EDWARDS, Jane A.; LAMPERT, Martin D. (ed.). **Talking Data: Transcription and Coding in Discourse Research**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1993. p. 365–405.

DU BOIS, John W. The discourse basis of ergativity. **Language**, v. 63, n. 4, p. 805–855, 1987.

DUTRA, R. **The hybrid S category in brazilian portuguese: some implications for word order**. Studies in Language, 11 (1). Philadelphia: Benjamins, 1987. p.163-80.

ENGLAND, Nora C., MARTIN, Laura. **Issues in the application of Preferred Argument Structure, analysis to Noa-Pear Stories**. IN: Cleveland State University. [s.d.]

FERREIRA, Beatriz L. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA-BRITO, Lucinda; LANGEVIN, Ronice M. **Parâmetros fonológicos da Língua de Sinais Brasileira: as configurações de mão**. Rio de Janeiro: INES, 1995.

KATO, Mary A. A emergência da ordem SVO no português do Brasil e o status das categorias funcionais. In: RODRIGUES, Maria A. M. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 67–93.

KATO, Mary A. **O português brasileiro: uma trajetória de mudanças**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

NEVES, Lineu. **A estrutura argumental preferida do português**. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. p. 102.

PEZATTI, E. G. **Estrutura argumental e fluxo de informação**. In: KOCH, Ingodore G. Villaça (org.). Gramática do Português Falado. Volume VI: Desenvolvimentos. Campinas, Editora da Unicamp, 2002. p. 281-306.

PRINCE, Ellen. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, Peter (ed.). **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981. p. 223–255.

QUADROS, Ronice M. de et al. **Corpus de Libras**. Disponível em:
<http://corpuslibras.ufsc.br>. Acesso em: 19 de maio de 2025.

QUADROS, Ronice M. de; KARNOOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues (Org.). **Gramática da Libras – Volume 1**. Rio de Janeiro: INES, 2023.

QUADROS, Ronice Muller de; SILVA, Jair Barbosa da; ROYER, Miriam; SILVA, Vinícius Rodrigues (Org.). **Gramática da Libras – Volume 2**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2023.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **GoldVarb X: A multivariate analysis application for Windows**. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005. Programa de computador.